



## **11 DE MAIO DE 2015**

### **Segunda-feira**

- CERCA DE 4 MIL TRABALHADORES DA VOLVO NO BRASIL FAZEM GREVE
- INDIANO KV KAMATH É NOMEADO 1º CHEFE DO BANCO DOS BRICS
- ALTA DE ATACADO E VAREJO DESACELERA E IGP-M SOBE 0,51% NA 1ª PRÉVIA DE MAIO
- BATALHA DO CENTRO CÍVICO EMBARALHA DISPUTA PELA PREFEITURA DE CURITIBA
- REAJUSTE DO ICMS LEVA CURITIBA AO TOPO DA INFLAÇÃO NO PAÍS
- O FIM DA INDÚSTRIA?
- QUEDA DE BRACO NO MERCADO DE FEIRAS INDUSTRIAIS
- SCANIA QUEBRA RECORDE NA VENDA DE MOTORES INDUSTRIAIS
- FEIPLASTIC NÃO ANIMA SETOR DE MÁQUINAS PARA PLÁSTICO
- PHD GUINDASTES INVESTE EM USINAGEM E ROBÓTICA
- FIEP QUESTIONA ALTERAÇÃO QUE DEIXOU O REGISTRO DE IMÓVEIS MAIS CARO
- NENZO INDUSTRIAL INVESTIRÁ US\$ 70 MILHÕES NO RS
- SCANIA QUER PRODUZIR ÔNIBUS A GÁS NO BRASIL
- KEKO CONQUISTA PROJETOS DE FIAT, HONDA E RENAULT
- METALÚRGICOS DA VOLVO ENTRAM EM GREVE NO PARANÁ
- GRUPO ESPANHOL ACCIONA INVESTE R\$15 MILHÕES EM FÁBRICA NA BAHIA
- MONTADORAS AINDA TÊM EXCESSO DE PESSOAL, AVALIA ANFAVEA
- EXPORTAÇÕES IMPULSIONAM SETOR DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS
- METSO INVESTE R\$ 25 MILHÕES EM CENTRO DE SERVIÇOS EM MG
- CHINESA BAOSTEEL MANTÉM PREÇOS DE PRODUTOS DE AÇO PARA JUNHO
- ECONOMISTAS MANTÊM PROJEÇÃO DE SELIC A 13,50% EM 2015 MAS ELEVAM

### PARA 2016, MOSTRA FOCUS

- ECORODOVIAS TEM QUEDA DE 63% NO LUCRO LÍQUIDO COM MAIOR DESPESA FINANCEIRA
- GE VÊ OPORTUNIDADE NA CRISE ENERGÉTICA PARA VENDER TURBINA
- SETOR DE AUTOPEÇAS CONCEDE FÉRIAS COLETIVAS
- PROJETO DE TERCEIRIZAÇÃO DEBATE RESPONSABILIDADE DE EMPRESAS
- ENERGIA VIRA FOCO DE INVESTIMENTO CHINÊS NA AMÉRICA LATINA
- RENOVAÇÃO SEM COBRANÇA DE OUTORGA AGRADA ESPECIALISTAS
- ALTA DE IMPOSTO CHEGA PRIMEIRO ÀS EMPRESAS
- EM MARÇO, MONTADORAS REMETERAM ZERO DE LUCRO
- 'ROBÔS' INVADEM ÁREA FINANCEIRA DAS EMPRESAS
- BRASIL E ARGENTINA VÃO PRORROGAR ACORDO AUTOMOTIVO BILATERAL

CÂMBIO Em 11/05/2015		
	Compra	Venda
Dólar	3,036	3,036
Euro	3,382	3,384

Fonte: BACEN

### Cerca de 4 mil trabalhadores da Volvo no Brasil fazem greve

11/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

Milhares de trabalhadores da Volvo no Brasil realizavam uma greve após a companhia sueca iniciar negociações com 600 funcionários sobre cortes em pagamentos diante do enfraquecimento do mercado, disse uma porta-voz da fabricante de caminhões nesta segunda-feira.

A demanda por caminhões caiu acentuadamente no Brasil nos últimos trimestres e, em fevereiro, a Volvo reduziu sua previsão total para o mercado no país para 55 mil unidades neste ano ante previsão anterior de 75 mil caminhões.

A companhia baseada em Gothenburg disse que iniciou negociações com 600 funcionários em sua fábrica de Curitiba, oferecendo que mantenham seus empregos até o fim do ano mas com salários mais baixos.

"O sindicato recusou essa proposta e optou por uma greve. As negociações serão retomadas nesta semana", disse a porta-voz da Volvo Kina Wileke, acrescentando que o número de trabalhadores em greve soma cerca de 4 mil. Os trabalhadores iniciaram a greve na sexta-feira.

### **Indiano KV Kamath é nomeado 1º chefe do banco dos Brics**

11/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

O banqueiro indiano K.V. Kamath foi nomeado como primeiro chefe do novo banco de desenvolvimento que está sendo montado pelos Brics, afirmou a jornalista nesta segunda-feira o secretário de Finanças indiano, Rajiv Mehrishi.

Os Brics, grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, firmaram acordo para criar o banco de desenvolvimento de 100 bilhões de dólares em julho passado, dando um passo na direção de reorganizar o sistema financeiro internacional dominado pelo Ocidente.

"Kamath foi indicado como chefe do banco dos Brics, a indicação se tornará efetiva quando ele se desvincular de suas atribuições atuais", disse Mehrishi em Nova Délhi.

Foi definido que o Novo Banco de Desenvolvimento, que vai financiar projetos de infraestrutura em países em desenvolvimento, terá Xangai como base.

Ele será chefiado por um indiano durante o primeiro mandato de cinco anos, seguido por um brasileiro e depois um russo.

### **Alta de atacado e varejo desacelera e IGP-M sobe 0,51% na 1ª prévia de maio**

11/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

O Índice Geral de Preços-Mercado (IGP-M) teve alta de 0,51 por cento na primeira prévia de maio, após avançar 1,03 por cento no mesmo período de abril, com desaceleração da alta dos preços tanto no atacado quanto no varejo.

De acordo com os dados informados nesta segunda-feira pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) -que mede a variação dos preços no atacado e responde por 60 por cento do índice geral- subiu 0,56 por cento na primeira prévia deste mês, ante alta de 1,28 por cento no mês anterior.

No IPA, os preços das Matérias-Primas Brutas registraram queda de 0,50 por cento na primeira prévia de maio, ante alta de 1,61 por cento no mesmo período do mês anterior.

Já o Índice de Preços ao Consumidor, com peso de 30 por cento no IGP-M, desacelerou a alta a 0,47 por cento na primeira prévia de maio, após avanço de 0,53 por cento no mesmo período de abril.

Neste caso, o avanço dos custos do item Habitação desacelerou para 0,43 por cento, contra 1,39 por cento na primeira prévia de abril.

A FGV divulgou ainda que o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) subiu 0,27 por cento no período, ante alta de 0,69 por cento na primeira prévia de abril.

O IGP-M é utilizado como referência para a correção de valores de contratos, como os de energia elétrica e aluguel de imóveis.

## **Batalha do Centro Cívico embaralha disputa pela prefeitura de Curitiba**

11/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

A repressão policial contra professores no Centro Cívico serviu como divisor de águas na disputa pela prefeitura de Curitiba, em 2016. Os efeitos da reação negativa contra o governador Beto Richa (PSDB) tendem a potencializar a pulverização das candidaturas.

Na última sondagem do Instituto Paraná Pesquisas, divulgada pela **Gazeta do Povo** no dia 11 de março, sete candidatos apareciam com chance de chegar ao segundo turno.

No cenário com todos eles participando da campanha, o secretário estadual de Desenvolvimento Urbano, Ratinho Júnior (PSC), estava em primeiro, com 26,4% das intenções de voto, seguido do prefeito Gustavo Fruet (PDT), 12,7%.

Depois deles, apareciam o deputado estadual Requião Filho (PMDB), com 11%; o ex-secretário estadual de Segurança Pública Fernando Francischini (SD), com 9,2%; o deputado federal e ex-prefeito, Luciano Ducci (PSB), 8,3%; o deputado estadual Ney Leprevost (PSD), 5,6%; e o deputado federal Rubens Bueno (PPS), 5,2%. A margem de erro é de 3,5 pontos percentuais para mais ou menos.

Quatro desses nomes são aliados de Richa. Ratinho Júnior e Francischini eram colegas de primeiro escalão estadual até semana passada. Assim como o governador, o ex-secretário de Segurança está ligado diretamente à batalha do Centro Cívico. Procurado para falar sobre o assunto, respondeu pela assessoria que mantinha as declarações de entrevista concedida no dia 14 de abril.

Na ocasião, falou que “não estava tendo tempo de pensar em candidatura”, mas por outro lado confirmou a intenção de concorrer. Ducci era vice na chapa de Richa quando ele foi prefeito (2005-2010) e o PPS de Bueno integra o governo tucano desde o 1.º mandato.

Até o dia 29 de abril, Ratinho, Francischini e Ducci travavam uma disputa velada para definir quem seria o candidato do governador. Mas a situação mudou.

“Apoio é importante, mas acho que já ficou muito claro que não é isso que define eleição”, diz Ratinho, que também alterou o tom sobre a possível candidatura a prefeito. “Nunca descartei a possibilidade de concorrer no ano que vem. No momento apropriado, vou fazer a minha análise.” Até agora, no entanto, ele evitava falar em 2016 e dizia estar focado em disputar o Palácio Iguaçu, em 2018.

Outro que mudou de posicionamento foi Leprevost. Aliado tradicional de Richa, ele ensaiou um afastamento a partir de dezembro, que se concretizou na votação da proposta que gerou o confronto com os professores. “

Depois que fui atingido nos olhos pelo gás que foi jogado contra os professores, não teve jeito, a ruptura é total”, declara o deputado estadual. Segundo ele, não há candidato competitivo no momento que queira dividir o palanque com Richa.

O diretor do Paraná Pesquisas, Murilo Hidalgo, endossa a tese de que, no momento, o afastamento é mais prudente que as alianças. Para ele, porém, é necessário frisar a rejeição aos petistas na cidade. “O retrato agora mostra que candidatos vinculados ao PT e ao PSDB terão muitas dificuldades, não só em Curitiba, como em qualquer cidade do Paraná”, diz.

Surpresa na pesquisa de março, Requião Filho diz que o PMDB já está inserido nesse ambiente como uma terceira via. “É muito bom para um candidato independente esse

desgaste”, afirma o deputado estadual, que ganhou prestígio com os professores durante o protesto. “Não vejo hoje condições de o Beto ter um candidato, mas nada evita que ele lance laranjas.”

Procurado pela reportagem, Fruet preferiu não falar sobre o tema. O presidente do PSDB do Paraná, deputado federal Valdir Rossoni, também não quis se manifestar sobre os planos do partido para Curitiba. Rossoni disse que reviu, por ora, a ideia de se lançar como pré-candidato.

#### **4 aliados**

Do governador Beto Richa (PSDB) eram pré-candidatos à prefeitura de Curitiba até março. São eles: Ratinho Júnior (PSC), Fernando Francischini (SD), Luciano Ducci (PSB) e Rubens Bueno (PPS).

### **Reajuste do ICMS leva Curitiba ao topo da inflação no país**

11/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

O reajuste de 50% no Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) cobrado no Paraná, aplicado em abril, levou a inflação de Curitiba e região ao patamar mais alto entre todas as capitais pesquisadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) do mês passado na capital paranaense subiu para 1,46%, mais que o dobro da média nacional, que desacelerou para 0,71% e alcançou o menor índice deste ano.

A alta de abril levou Curitiba a liderar a inflação acumulada no país neste ano, com reajuste de 5,59% nos preços – já acima da meta oficial do governo (4,5%) e mais de um ponto percentual superior à média nacional (4,56%). Até março, antes do vigor das novas alíquotas de ICMS, a capital e entorno tinham a 5.<sup>a</sup> maior inflação do país.

A elevação do tributo, que passou de 12% para 18% e incide sobre milhares de produtos de consumo básico, é a principal explicação para o fenômeno.

“Esse é um imposto cobrado de quem produz e vende. Então, vai direto para o custo da mercadoria e aumenta o preço final pago pelo consumidor. O reflexo na inflação aparece rapidamente”, explica o economista José Pio Martins, reitor da Universidade Positivo.

[O ICMS] é um imposto cobrado de quem produz e vende. Então, vai direto para o custo da mercadoria e aumenta o preço final pago pelo consumidor. O reflexo na inflação aparece rapidamente. (José Pio Martins, economista e reitor da Universidade Positivo).

Entre os setores que sentiram os efeitos do reajuste do ICMS está o de reparação automotiva. O principal impacto se deu sobre o preço de peças, que subiram em média 13%, conforme estimativa do Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado do Paraná (Sindirepa).

O aumento também foi impulsionado pela revisão na chamada Margem de Valor Agregado, considerada para a incidência do tributo e que neste ano passou de 59% para 71%.

Outro item fortemente impactado pela alta do tributo foi o gás de cozinha. Com a nova alíquota, o Paraná passou a ter, ao lado de Minas Gerais, a maior tributação para o produto: 18%, frente a um intervalo de 12% a 17% em outros estados. Assim, o botijão

de gás registrou, em Curitiba e entorno, inflação de 7,35% – sete vezes acima da média nacional (1,05%).

Martins explica que, como o setor produtivo substitui paulatinamente os insumos, a tendência é que o reajuste de ICMS siga impactando os preços. “O efeito dele não se esgota no mês”, alerta.

### ***Remédios e energia***

Também contribuiu para a inflação de abril a elevação no preço de medicamentos – o governo federal autorizou, no fim de março, reajustes de 5% a 7,7% em todo o país, conforme a categoria do remédio. Em Curitiba e região, os produtos farmacêuticos subiram 7,87%, a segunda maior elevação entre os itens pesquisados.

Exerceu forte pressão, ainda, o setor de alimentos e bebidas, cujos preços se aceleraram 2,34% na área de Curitiba, frente 0,97% na média do país. O destaque é o item “tubérculos, raízes e legumes”, que teve a alta mais intensa em abril (10,69%) e já acumula elevação de 51,35% no ano – a maior, entre todos os itens pesquisados na cidade. Isso se deve, em certa medida, à sazonalidade, já que os preços se elevam neste período do ano.

A energia elétrica segue sendo uma das maiores responsáveis pela inflação de Curitiba e região neste ano – com elevação de preço acumulada de 49% –, mas perdeu força em abril. A alta do item, que alcançou pico de 32% em março, caiu para 4% no último mês.

### ***Em 4 meses, inflação estoura o centro da meta para todo o ano***

Sob pressão da energia elétrica e dos alimentos, a inflação oficial brasileira superou em apenas quatro meses o centro da meta para 2015. O IPCA acumula alta de 4,56% até abril. O alvo perseguido pelo governo para o ano inteiro é 4,5%, com tolerância de dois pontos percentuais, para cima ou para baixo.

A inflação de janeiro a abril é também a mais alta para esse período em mais de uma década. Um avanço maior foi registrado apenas no início de 2003 (6,15%), quando o câmbio disparou com as incertezas do mercado sobre o primeiro governo Lula.

A energia elétrica residencial respondeu por um quarto do aumento do IPCA neste ano. A tarifa subiu 38,12% no período por causa dos reajustes extraordinários autorizados pela Agência Nacional de Energia Elétrica.

No mês passado, o IPCA foi de 0,71%, informou o IBGE nesta sexta-feira (8). O índice foi superior ao do mesmo mês de 2014 (0,67%), mas apontou uma desaceleração sobre março (1,32%). Ainda assim, foi a maior taxa para o mês desde abril de 2011 (0,77%).

“Tivemos em abril a primeira taxa do ano abaixo de 1%. A inflação desacelerou, mas não podemos dizer que estamos com nível baixo, de jeito nenhum. Em 12 meses, ainda está na casa dos 8%”, disse Eulina Nunes dos Santos, coordenadora no IBGE.

Em 12 meses, a inflação acumula alta de 8,17% – acima do registrado até março (8,13%) e a maior taxa desde dezembro de 2003 (9,30%).

A inflação desacelerou de março para abril porque houve menor impacto da energia elétrica, embora continue alta e exercendo pressão sobre os preços. Em abril, a energia subiu 1,31%. Em março, a alta havia sido de 22,08%.

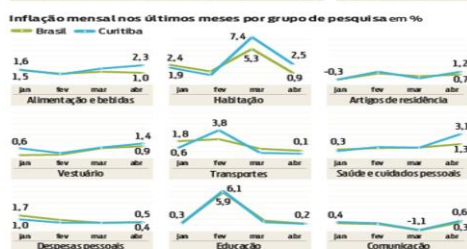
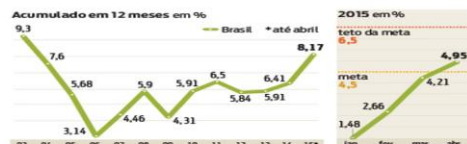
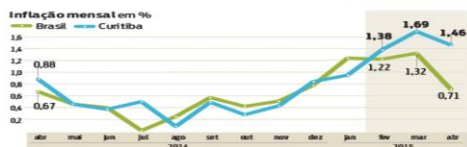
Entre os grupos pesquisados pelo IBGE, o de saúde e cuidados pessoais teve a maior alta em abril, de 1,32%. Essa elevação foi puxada pelos preços dos remédios, reajustados anualmente nesse período e que subiram 3,27%.

#### LEITE QUENTE MAIS CARO

A inflação de Curitiba fechou abril em 1,46%, o dobro da média nacional e bem acima das demais regiões pesquisadas, puxada pelo reajuste do ICMS sobre milhares de mercadorias.

Variação mensal por capital em abril em %

Curitiba	1,46
Belém	0,89
Brasília	0,85
Rio de Janeiro	0,81
São Paulo	0,58
Brasil	0,71



#### Energia elétrica

Com os aumentos ocorridos, o consumidor está pagando neste ano, em média, 38,12% a mais pelo uso da energia, enquanto nos últimos doze meses as contas estão 59,93% mais caras. Curitiba sofreu os maiores reajustes, segundo o IBGE.

Variação em %

	Ano	12 meses
Curitiba	49,8	85,5
São Paulo	47,9	72,0
Porto Alegre	46,0	71,9
Goiânia	41,8	65,2
Campo Grande	40,1	52,4

Fonte: IBGE. Infografia: Gazeta do Povo.

## O fim da indústria?

11/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

O tombo da indústria brasileira no primeiro trimestre do ano, com retração de quase 6%, mostra que o desafio da equipe econômica vai muito além de um ajuste nas contas públicas. O país terá de entender melhor o que houve com o setor e decidir se fará alguma coisa.

Só para lembrar, o ajuste fiscal tem duas frentes. Uma de curto prazo, com impostos mais altos e contingenciamento para o país apresentar um superávit primário novamente. Isso é necessário para que as contas públicas fiquem menos vulneráveis e voltemos a ter um cenário de juros e inflação baixos.

Para um prazo mais longo, há medidas importantes, como mudanças no seguro-desemprego e no pagamento de pensões, contas que vinham crescendo acima do PIB e que se tornariam impagáveis.

A conexão disso tudo com o setor produtivo é através de dois pontos: taxas de juros e gastos públicos. Para a indústria, o que mais importa é a taxa de juros, que impõe custos a todo o setor.

Juros menores serão um apoio importante na retomada, mas não solucionam a tendência de enfraquecimento da produção, que tem raízes na falta de ganho de produtividade.



A indústria brasileira ficou para trás por ter se contentado com a proteção do mercado interno. Em um cenário de câmbio valorizado, como vimos nos últimos anos, a defesa comercial não foi suficiente para evitar o acirramento da competição com itens importados.

E muito menos eficiente para compensar a falta de investimento em capital humano, modernização de plantas e inovação. É preciso fazer alguma coisa, mas não está claro o que se pensa a respeito em Brasília.

Como mostram os setores que ainda crescem, precisamos de uma combinação de inserção internacional, maior liberdade comercial, programas de educação profissional decentes e muito investimento na modernização das fábricas.

## **Em alta**

### ***Petróleo***

Depois do tombo no ano passado, o preço do barril de petróleo vem subindo nas últimas semanas. A alta em 2015 já passa de 10%.

## **Em baixa**

### ***Cerveja***

Parece não ser verdade que a venda de bebidas é imune a crises: a produção de cerveja no Brasil caiu quase 6% nos primeiros quatro meses do ano.

### ***Nacionalismo***

A crise da Petrobras está tendo um efeito didático sobre o nacionalismo na economia. Sinal disso é que o governo já fala em flexibilizar a política de conteúdo nacional no setor de petróleo para os próximos leilões.

Até agora, essa política gerou mais de R\$ 400 milhões em multas às empresas que não conseguem encontrar fornecedores no país para cumprir as exigências do governo (incluindo a própria Petrobras), além de projetos caros, ruins e fora de prazo de fornecimento (vide o caso das sondas da Petrobras). A pauta pode evoluir para desobrigar a Petrobras de ser operadora única do pré-sal.

### ***Beal***

A Companhia Beal de Alimentos, dona das redes Beal e Festival de supermercados, registrou um crescimento de quase 16% no ano passado. A receita total passou de R\$ 455 milhões em 2013 para R\$ 527 milhões em 2014.

O lucro líquido cresceu 17,8%, chegando a R\$ 11,2 milhões. A inflação mostrou a cara no resultado da companhia, com os custos de produtos e serviços crescendo 20%, acima do crescimento de faturamento, portanto.

### ***LPR***

A empresa de locação de mobiliário para eventos de Londrina LPR Locações alcançou no ano passado uma receita total de R\$ 164 milhões, mais do que o dobro dos R\$ 78 milhões de 2013.

O lucro da empresa também mais do que dobrou, passando de R\$ 7 milhões para R\$ 20 milhões. O portfólio de trabalho da empresa inclui a G+20 e a Copa do Mundo de 2014.

### ***Farmacêuticas***

Liderados pela Câmara de Comércio e o Consulado indiano, empresários de 17 companhias brasileiras viajam a Mumbai nesta semana para participar da IPHEX, feira



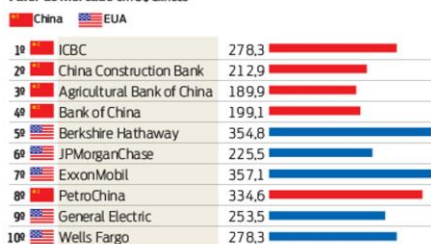
mundial de negócios e exposição da indústria de medicamentos, que acontece de 11 a 15 de maio. Na delegação brasileira, estarão empresas como a curitibana Nunesfarma, Biominas Brasil, Zigma, Tausten Farmacêutica, além do poder público.

A missão tem o objetivo de aproximar os dois países e a geração de novas oportunidades de negócios com a Índia.

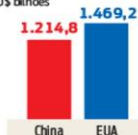
#### GRÁFICO DA SEMANA

A lista das 2000 maiores empresas do mundo feita pela revista Forbes trouxe quatro chinesas no topo do ranking, que leva em conta quatro números: vendas, lucros, patrimônio e valor de mercado. Este último item chama a atenção. Apesar de terem patrimônio e receita gigantescos, as empresas chinesas não são tão valorizadas pelo mercado quanto as americanas. No total de empresas na lista, os EUA ainda lideram com folga.

Valor de mercado em US\$ bilhões



Valor de mercado somado das cinco maiores empresas em US\$ bilhões



Empresas na lista, por país



Fonte: Forbes. Infografia: Gazeta do Povo.

## Queda de braço no mercado de feiras industriais

11/05/2015 - Fonte: Usinagem Brasil

Em 2016, o mercado brasileiro de máquinas e equipamentos se verá diante de uma situação inédita: duas feiras industriais voltadas a este setor estão programadas para acontecer em São Paulo, a tradicional Feira da Mecânica e a recém-lançada Feimec.

Para complicar ainda mais o quadro, ambas serão realizadas no mês de maio, num espaço de menos de 15 dias, a Feimec, de 2 a 6, no São Paulo Expo (ex- Centro de Exposições Imigrantes) e a Mecânica, de 17 a 21, no Anhembi.

Esse encontro de feiras resulta do rompimento da parceria entre Abimaq e a Reed Exhibitions Alcantara Machado anunciada em 9 de abril. Na semana seguinte, a Abimaq divulgou as datas de realização na semana seguinte ao lançamento de suas feiras próprias (a entidade também promoverá a Expomafe e a Plástico Brasil, em 2017). A coincidência de datas evidencia uma medição de forças.

E o embate será de pesos-pesados. De um lado, a Abimaq, entidade com cerca de 4 mil associados de um setor responsável por mais de 220 mil empregos; de outro, a Reed Exhibitions, grupo inglês que adquiriu a Alcantara Machado em 2007 e que organiza mais de 500 eventos em 43 países.

No Brasil organiza 47 eventos, entre eles o Salão do Automóvel, Fenatran, Mecânica, Feimafe, Feiplastic etc. Para seu parceiro na organização dos eventos, a Abimaq escolheu a BTS Informa, integrante do Informa Group, também da Inglaterra, com escritórios em 100 países e com a qual já realiza a Agrishow.

Um detalhe é que as duas partes reconhecem que não há espaço para a realização de duas feiras do setor de máquinas e equipamentos em São Paulo.

"Pelo feedback que temos de nossos expositores é que eles gostariam que existissem menos feiras e não mais", diz Juan Pablo de Vera, presidente da Reed Exhibitions. "Não há espaço para duas feiras. Marcamos essa data para coincidir com a feira do concorrente", diz Lourival Júnior, chefe de gabinete da presidência da Abimaq.

Júnior explica que o principal motivo do rompimento da parceria foi o antigo desejo da entidade e seus associados de ter feiras próprias.

"Hoje, a Abimaq apoia 42 feiras no Brasil e é dona apenas da Agrishow, que aliás é uma experiência muito feliz que temos. E esta é uma tendência no mundo, de as entidades serem proprietárias das feiras industriais de seus respectivos setores", diz. "Surgiu essa oportunidade, com a modernização do São Paulo Expo, que será reinaugurado em 2016 e que será o maior e mais moderno pavilhão de eventos da América Latina".

O chefe de gabinete da Abimaq garante que a Feimec já está com toda a área praticamente vendida. "Não sabemos o que acontecerá com a feira do concorrente. O fato é que todos os âncoras já confirmaram presença na Feimec", afirma.

"Para a Feira da Mecânica de 2016 já temos 290 empresas confirmadas, além de outras 140 que nos solicitaram propostas", diz o presidente da Reed. "Até o final da Feimafe (que será realizada na próxima semana no Anhembi) acredito que 68% das empresas terão confirmado a sua participação no evento".

Na opinião de Juan Pablo de Vera é o comprador, o visitante "quem vai determinar qual evento oferece mais soluções, mais garantias para investir seu tempo".

### **Scania quebra recorde na venda de motores industriais**

11/05/2015 - Fonte: Usinagem Brasil

A Scania atingiu marca histórica na venda de motores industriais e marítimos no ano passado. No mercado global, as vendas dessa linha cresceram 22% em 2014 - e desse total o Brasil é responsável por 40%.

"Como tendência, a América Latina sempre teve resultados significativos, mas na geração de energia estamos vivendo um momento especial. No ano passado crescemos 25%", destaca Ciro Pastore, gerente executivo de motores Scania para a América Latina.

De acordo com a fabricante, diversos fatores contribuem para a expansão dos negócios no mercado brasileiro: a necessidade de grupos geradores para acionar as termelétricas por conta da crise hídrica é um deles.

"Oferecemos soluções que combinam eficiência e redução do custo operacional. No caso de geração de energia, conseguimos chegar a até 10%", conta Pastore.

A locação de equipamentos para eventos relacionados à Copa do Mundo de futebol, à agenda de shows e aos preparativos para a Olimpíada em 2016 também desponta como um dos motivos para o cenário positivo.

"No ano passado vendemos 118 motores (50 MW) e foram instaladas 660 unidades estacionárias de geração de energia (200 MW) entre estádios e aeroportos", conta o executivo. "Esse segmento deve permanecer aquecido até meados de 2016 com a programação de eventos corporativos e as obras da Olimpíada no Rio de Janeiro.

## **Feiplastic não anima setor de máquinas para plástico**

11/05/2015 - Fonte: Usinagem Brasil

As feiras industriais são consideradas um bom termômetro para medir o comportamento do mercado e, em especial, o nível de investimento. E foi justamente o que ocorreu na Feiplastic, realizada na semana passada no Anhembi: o nível de investimento está baixo e assim deve-se manter ao longo dos próximos meses, segundo as empresas ouvidas pelo site Usinagem-Brasil. Poucas se arriscam a prever quando deve ocorrer a reversão da curva de vendas.

Adilson Fernandes, diretor Comercial da SIMCO, que representa a LOG, da China, conta que a empresa chegou à feira bastante pessimista. "O resultado, em termos de volume de negócios, acabou sendo melhor do que esperávamos, mas muito aquém do gostaríamos. A economia está muito devagar", informa.

Fernandes prefere não revelar o número de máquinas vendidas. Após alguma insistência, declara que o número é apenas um terço do realizado na feira anterior, em 2013.

Para William dos Reis, diretor da Divisão de Máquinas para Plásticos da Romi, uma das palavras-chave para a crise atual é a falta de confiança do empresariado. O executivo lembra que a última pesquisa Índice de Confiança dos Empresários Industriais, da CNI, caiu em abril para apenas 38,5 pontos, sendo que esse índice é considerado positivo a partir de 50. "Sem confiança, os investimentos acabam postergados", comenta.

O diretor lembra que em 86 anos, a Romi já passou por muitas crises e que é preciso estar preparado para a retomada. De acordo com Reis, esse é o momento de investir em melhoria dos processos e corte de gastos.

Em sua visão pessoal, 2016 dará indícios de crescimento, mas a recuperação só virá em 2017. "A indústria de bens de capital é a primeira a sentir os efeitos da crise e a última que vê a recuperação, porque antes de fazer novos investimentos, as empresas começam a religar máquinas que estavam paradas", avalia.

No entanto, Reis observa que está surpreso com alguns movimentos na indústria automotiva, que por conta do programa Inovar-Auto trouxe maior número de pedidos para a empresa. "Não são números alcançados nos anos anteriores, mas ainda assim são bons números", disse.

O diretor Comercial da Sandretto do Brasil, Antonio Alves, considera que o ano de 2015 está apresentando um cenário mais difícil que o anterior. Em sua opinião, dificilmente alcançará o mesmo volume de vendas registrado em 2014.

Para o gerente de vendas da Sumitomo Demag, distribuidora das máquinas injetoras nipo-alemã no Brasil, o cenário de vendas no Brasil caiu drasticamente. A média total de venda máquinas injetoras no país é de 2.500 unidades por ano, enquanto em 2014 ficou abaixo de 1.500 e a previsão é que caia ainda mais em 2015.

Com 50% da produção destinada a indústria de embalagens, Carreiro diz que para a Sumitomo Demag a aposta para aquecer as vendas no segundo semestre está nas máquinas de injeção elétricas para produção de peças de precisão.

"Essas máquinas trazem economia no consumo de energia, mas como são mais caras, ainda há um certo receio no investimento. Com a crise de energia, esperamos que a venda desses equipamentos ajude a alcançarmos um número de vendas próximo ao de 2014".

## **PHD Guindastes investe em usinagem e robótica**

11/05/2015 - Fonte: Usinagem Brasil

Mesmo com a retração do mercado, a PHD Guindastes, de Caxias do Sul, segue investindo na produção, de olho no futuro. Com aporte da ordem de R\$ 6 milhões, acaba de incorporar ao seu parque fabril mais um centro de usinagem de alta performance, máquinas de corte a laser, dobradeiras e um robô para soldagem.

"Poucas fabricantes possuem maquinário desse tipo, de última tecnologia. Isso fará com que pulemos à frente de muitas concorrentes", observa Adão Marques, diretor da empresa.

Fabricante de guindastes hidráulicos veiculares para elevação e movimentação dos mais variados tipos de carga, com capacidades que entre 3,5 e 82 t, possui duas plantas industriais em Caxias do Sul, produzindo, em média, 50 equipamentos por mês. No próximo ano, a PHD espera alcançar a marca de 70 máquinas/mês e faturamento anual de R\$ 60 milhões.

Enquanto outras empresas do setor apresentam endividamento, a PHD está capitalizada e pôde realizar praticamente todos os investimentos com recursos próprios.

"O mercado realmente apresentou uma retraída, mas nossa fórmula é investir para dar um salto maior lá na frente, estando melhor preparados em termos de produto e gestão", conclui o diretor da companhia.

## **Fiep questiona alteração que deixou o registro de imóveis mais caro**

11/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

A Federação das Indústrias do Paraná (Fiep) e três sindicatos da construção civil tentam derrubar na Justiça medida em vigor desde o fim de março que extinguiu o teto das custas de registro de imóveis no estado.

Na ação, as entidades argumentam que o aumento da carga tributária vai onerar a produção e reduzir a competitividade das empresas paranaenses. Alegam também que a mudança é inconstitucional, por ter dado a uma taxa o caráter de imposto.

O pedido foi negado liminarmente, e as associações entraram com um agravo regimental no Tribunal de Justiça (TJ) na última sexta-feira (8).

[Aprovada pela Assembleia em dezembro do ano passado](#), a lei de autoria do TJ estabeleceu a extinção do teto das custas de registro de imóveis, que passou a ser de 0,2% sobre o valor do título. Até então, o valor máximo cobrado era de R\$ 1.821,20.

A medida – em vigor desde o dia 29 de março – aumentou os custos para o registro de imóveis com valor acima de R\$ 910,6 mil.

O documento de um apartamento de R\$ 2 milhões, por exemplo, passou a custar R\$ 4 mil.

No mandado de segurança, as entidades empresariais argumentam que o projeto foi aprovado pelos deputados em apenas 15 dias de tramitação sob o "famigerado regime de comissão geral" – o chamado "tratoração" –, sem que a população tivesse tempo de discutir a proposta.





Na sequência, argumentam que as custas de registro de imóveis destinam-se à manutenção do Fundo de Reequipamento do Poder Judiciário (Funrejus) e são uma taxa cobrada para garantir ao Judiciário poder de polícia na fiscalização das atividades cartoriais.

Mas, com o fim da limitação para registro de imóveis, teria se perdido a proporcionalidade entre o serviço prestado e o pagamento efetuado. “Independentemente do valor do negócio ou do bem, o exercício de poder de polícia, na prática, é o mesmo”, diz o pedido de liminar.

A ação afirma ainda que a legislação brasileira determina que o valor de uma taxa deve ter relação com o custo da atividade estatal que origina a cobrança, mantendo “razoável equivalência” com o valor cobrado. “A taxa foi aumentada para obrigar os contribuintes ao custeio das reformas que são feitas em fóruns do interior, (...) em valores ilimitados e desconectados com o real custo da atividade estatal”, diz o texto.

Por fim, as entidades argumentam que a cobrança sem limitações pode fazer com que cidadãos prefiram fazer “negócios de gaveta”, sem o devido registro legal no cartório, por considerarem desproporcional o valor cobrado.

### ***Tribunal argumenta que mudança tem pouco impacto social***

Em decisão proferida no dia 17 de abril, o desembargador Luis Espíndola negou concessão de liminar para restabelecer em R\$ 1.821,20 o teto das custas de registro de imóveis no Paraná.

No despacho, o desembargador argumenta que as entidades empresariais pedem a derrubada da extinção do teto de forma abstrata e genérica, “sem se fundar na existência de uma situação fática que levou a sua aplicação a um determinado caso concreto”.

Segundo o magistrado, já há decisões anteriores do Supremo Tribunal Federal (STF) dizendo que “não cabe mandado de segurança contra lei em tese”. “Isso porque a simples entrada em vigor de normas gerais e abstratas não configura, por si só, lesão ou ameaça ao direito”, afirma Espíndola.

Procurado por meio da assessoria de imprensa, o Tribunal de Justiça do Paraná (TJ) não retornou aos questionamentos da reportagem.

Na justificativa do projeto aprovado pela Assembleia Legislativa, o órgão informou que a medida – aliada à elevação das custas em 6,37% e das taxas do Funrejus em 25% – garantiriam caixa para a realização de novas obras e reformas, que atendessem à “crescente necessidade de investimentos” do Judiciário.

Sobre o fim do teto das custas de registro de imóveis, o TJ argumentou à época que a medida resultaria em “maior contribuição pelos adquirentes de imóveis destinados às classes de maior poder aquisitivo, sem prejudicar os contribuintes de menor renda”.

“[Isso] representa um baixo impacto social, pois apenas os atos de maior valor estarão sujeitos à alteração”, dizia a proposta.

### **Nenzo Industrial investirá US\$ 70 milhões no RS**

11/05/2015 - Fonte: Usinagem Brasil

A Nenzo Industrial, joint venture entre empresários gaúchos e a empresa sul-coreana Shin-Hwa Silup, irá investir US\$ 70 milhões na instalação da primeira fábrica de flandres do Rio Grande do Sul e a segunda do Brasil.

A empresa será responsável por fornecer aço estanhado utilizado em embalagens para a indústria alimentícia. A matéria-prima será importada da Coreia do Sul.

A produção anual será de 150 mil toneladas, destinadas a indústrias da Região Sul e países do Mercosul. Estão estimados cerca de 100 empregos diretos e outros 100 indiretos.

De acordo com o empresário Darci Giovanella, um dos sócios nacionais do empreendimento, a decisão pelo Rio Grande do Sul se deu pela localização estratégica no Mercosul.

"Ainda não há definição do município, mas temos preferência por zonas próximas a um porto, em função de logística", afirmou.

A empresa busca uma área de cerca de 100 mil m<sup>2</sup> e a construção da fábrica deve levar em torno de dois anos.

"Este é um importante investimento para o Estado, por ser a segunda fábrica de flandres do Brasil. A decisão pelo investimento está tomada, e agora iremos trabalhar para viabilizar a instalação, faltando apenas a escolha do local", destacou o vice-governador do Estado, José Paulo Cairolí.

O mercado brasileiro consome 700 mil toneladas ao ano de flandres. Em 2014, as importações totalizaram 210 mil toneladas. Atualmente, somente a CSN produz flandres no Brasil.

### **Scania quer produzir ônibus a gás no Brasil**

11/05/2015 - Fonte: Automotive Business

A Scania pretende fabricar na planta de São Bernardo do Campo (SP) ônibus com motor a gás que pode ser abastecido também com biometano. A empresa já negocia com a matriz sueca o projeto, que por enquanto não tem investimento definido. “Devemos primeiro

importar o motor e montar o chassi aqui. A ideia é que, em uma segunda etapa, o motor também seja nacionalizado”, explica Silvio Munhoz, diretor de vendas de ônibus da companhia para o Brasil.

A fabricante assegura que o projeto não seria desafio tão grande para a empresa, já que o chassi já é feito localmente e o propulsor, apesar de ser Euro 5, compartilha 90% dos componentes com o motor diesel produzido na planta do ABC paulista.

“Poderíamos começar importando o restante das peças, mas com o foco natural de desenvolver fornecedores locais”, explica.

O ônibus a gás da Scania roda em testes com biometano no Brasil. A promessa é de que o modelo, apesar de custar até 25% mais do que um veículo a diesel, garanta economia de 40% a 45% no custo por quilômetro rodado na comparação com o combustível fóssil. Se abastecido com gás natural a redução é mais modesta, de 25%.

Estes números serão colocados a prova em uma rodada de testes em São Paulo. O modelo rodará em operação sombra, seguindo um ônibus convencional em sua aplicação urbana. Com a iniciativa a Scania pretende comprovar a evolução dos motores a gás.

A empresa aponta que, além do benefício no custo por quilômetro rodado, a vida útil dos propulsores chega a ser 40% mais longa, com o mesmo nível de manutenção e com a performance tão boa quanto a garantida pelas versões a diesel.

O plano da fabricante é atender toda a América Latina com o projeto. Lima, no Peru, e Bogotá, na Colômbia, já têm modelos a gás em circulação e devem comprar mais algumas milhares de unidades com a tecnologia nos próximos anos.

No Brasil estes ônibus não têm presença por enquanto, cenário que a Scania acredita que mudará em breve, puxado pelo objetivo de São Paulo (SP) de eliminar o uso de combustíveis fósseis do transporte público.

A companhia defende que a implementação de veículos a biometano é a melhor opção para alcançar este objetivo.

“Diversificar é a saída, mas outras tecnologias são caras e precisam de subsídio, como os trólebus, elétricos, híbridos e movidos a etanol.

Este projeto é viável, porém ainda não há escala de produção do biometano no País”, conta Munhoz.

O executivo avalia, no entanto, que esta situação pode mudar sem tanto investimento, já que o gás é produzido basicamente a partir do lixo.

O combustível já foi aprovado pela ANP, associação que regula a área de petróleo e gás natural. Segundo o executivo, algumas empresas demonstram interesse em produzi-lo, algo que representaria mais uma fonte de receitas a partir de materiais que seriam descartados.

Entre os exemplos estão companhias de tratamento de esgoto e que trabalham com sistema agrosilvo pastoril, que gera resíduos que podem ser aproveitado na produção do combustível.



## **Keko conquista projetos de Fiat, Honda e Renault**

11/05/2015 - Fonte: Automotive Business



A gaúcha Keko fechou contratos de fornecimento de seus acessórios para quatro novos veículos que serão lançados no Brasil pela Fiat, Honda e Renault.

Com fábrica em Flores da Cunha (RS), a empresa é especializada na produção de itens como protetores frontais, estribos, santantônios e capas de estepe, que equipam principalmente picapes, crossovers e utilitários esportivos (SUVs).

A Keko informa que o projeto da Renault foi desenvolvido em codesign com a engenharia da montadora e o novo veículo tem previsão de lançamento para o segundo semestre deste ano – grandes chances de ser a picape derivada do Duster, que foi mostrada no último Salão do Automóvel de São Paulo na forma do carro-conceito Oroch.

Para a Honda o fornecimento de acessórios está previsto para começar em 2016 – deve envolver alguma versão do Fit ou HR-V. Em ambos os casos, a Keko fornecerá os acessórios diretamente para a linha de montagem.

O negócio com a Fiat envolve dois projetos, um deles para o fornecimento direto à linha de montagem – a fabricante prepara-se para produzir uma picape média na fábrica Jeep em Goiana (PE).

No segundo contrato a Keko irá fornecer acessórios originais às concessionárias Fiat, para equipar novos modelos da montadora a serem lançados no segundo semestre e no início de 2016 – possivelmente sob a marca Mopar de acessórios que pertence ao grupo Fiat Chrysler Automobiles (FCA).

A Keko já havia fornecido anteriormente para Renault e Fiat no início dos anos 2000. Foi homologada para equipar a versão especial Scénic Sport Way e, em 2002, também forneceu acessórios originais para a picape Fiat Strada. Já o contrato com a Honda é o primeiro da empresa fechado com a montadora japonesa.

“Os três novos negócios irão representar um volume significativo de vendas e fazem parte do plano de crescimento da Keko, de diversificação da carteira e do número de clientes”, destacou em nota o gerente comercial Silvano Gil de Oliveira.

A empresa credita a conquista de contratos à capacidade de desenvolver projetos em codesign com as montadoras, desde a instalação de um centro de desenvolvimento mantido junto ao seu parque fabril.

Com mais três montadoras na carteira de clientes, a Keko passa a fornecer acessórios a

oito fabricantes de veículos no Brasil e em outros países, incluindo também Ford, General Motors, Mitsubishi, Toyota e Volkswagen.

### **Metalúrgicos da Volvo entram em greve no Paraná**

11/05/2015 - Fonte: Automotive Business



Os metalúrgicos da Volvo de Curitiba (PR) entraram em greve em protesto contra a decisão da Volvo de encerrar a partir do dia 11 o segundo turno da produção da fábrica, o que cria um excedente de 600 trabalhadores.

Os metalúrgicos exigem que a empresa cumpra o compromisso que assumiu com o Ministério Público de criar alternativas para a preservação de empregos.

A Volvo propôs como alternativa a redução de 50% no pagamento da Participação nos Lucros e Resultados (PLR), que cairia para R\$ 15 mil, reajuste apenas com reposição da inflação para salários até R\$ 7 mil e um valor fixo para salários acima do teto (valor fixo = INPC x R\$ 7 mil). Se aceitas, essas preservariam os empregos até dezembro.

O sindicato se queixa de a montadora tentar vincular a preservação dos empregos à flexibilização de direitos e salários. A montadora, por sua vez, informa que essas propostas não foram levadas a votação.

A Volvo emprega 4,2 mil trabalhadores na unidade paranaense. No acumulado de janeiro a abril a empresa teve queda de 56,5% nas vendas de caminhões e de 12,8% nos chassis para ônibus.

### **Grupo espanhol Acciona investe R\$15 milhões em fábrica na Bahia**

11/05/2015 - Fonte: CIMM

O grupo espanhol Acciona Windpower inaugura no próximo dia 13, às 11h, uma fábrica de nacelles – o componente principal do aerogerador – no município de Simões Filho, Região Metropolitana de Salvador.

Com investimentos de R\$ 15 milhões e geração de mais 60 empregos diretos, a nova linha de produção faz parte da ampliação da planta industrial da companhia, que chegou à Bahia em março de 2013, quando passou a fabricar cubos eólicos, peças que suportam as hélices, empregando 210 trabalhadores.

A fábrica, com capacidade de produzir por ano 100 aerogeradores AW3000, será a sexta em nível mundial da Acciona Windpower, empresa que, além do centro de produção de cubos em Simões Filho, tem três fábricas de montagem de aerogeradores (duas na Espanha e uma nos Estados Unidos) e uma de pás eólicas, também na Espanha.

“A instalação do grupo na Bahia há dois anos foi a primeira aposta da Acciona no mercado eólico brasileiro, onde se posicionou principalmente como fabricante e fornecedora de turbinas, com base na máquina AW3000, a mais potente entre as fabricadas pela empresa”, explica o secretário de Desenvolvimento Econômico, Paulo Guimarães.

A plataforma AW3000, com rotores com diâmetros de 100 a 125 metros e torres de aço ou concreto de 92 a 120 metros de altura de cubo eólico, forma uma família de turbinas de 3 megawatts de potência, extremamente competitivas e adaptadas às exigências do mercado brasileiro.

## **Investimentos**

A Bahia ocupa a liderança na cadeia produtiva de energia eólica, com potencial de geração de 195 mil MW, já o dobro da capacidade instalada do Brasil. São mais de 4 GW contratados, distribuídos em 168 empreendimentos e investimentos de R\$ 16,2 bilhões.

Atualmente, o Estado tem 37 projetos em operação, gerando um total de 959 MW. Contudo, a expectativa para 2015 é que o Estado supere a marca de 1 GW em operação.

O vento será a maior fonte de eletricidade da matriz energética baiana até o ano de 2020, caso os projetos de energia eólica contratados se equiparem aos de hidrelétricas já em funcionamento.

## **Cadeia produtiva**

Além da Acciona, que diversifica sua produção de equipamentos para a energia eólica, a Alstom mantém duas unidades na Bahia: uma em Camaçari, que produz aerogeradores, e a planta industrial da TEN, instalada em Jacobina, que produz torre de aço.

A espanhola Gamesa, que já investiu mais de R\$ 150 milhões na Bahia, tem previsão de inaugurar, em junho, a expansão da sua fábrica em Camaçari.

Já a Torrebras, primeira fábrica de torres eólicas da Bahia, será ampliada, aumentando sua capacidade de produção de 200 para 300 unidades ao ano.

Em Camaçari, a Tecsis está implantando uma unidade industrial para fabricação de pás e acessórios para geradores eólicos, com investimento total estimado em R\$ 100 milhões e capacidade de produção de 4 mil pás/ano

## **Montadoras ainda têm excesso de pessoal, avalia Anfavea**

11/05/2015 - Fonte: CIMM

Apesar de terem reduzido o quadro de funcionários em 9,5%, em um ano, as montadoras ainda têm excesso de mão de obra, segundo o presidente da Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan.

“Nós fizemos um ajuste de pessoal, basicamente utilizando o PDV [Programa de Demissão Voluntária]. Mas reconheço que, mesmo com essa redução, ainda estamos com excedente de pessoal. Basta ver o nível de produção e [comparar] com o nível de pessoal”, disse Moan nesta quinta-feira (7), ao apresentar o balanço do setor.

De janeiro a abril, as fabricantes de veículos demitiram 4,6 mil funcionários. No início do ano, 144,2 mil trabalhadores atuavam no setor. Em abril, o número caiu para 139,6 mil. Em relação a abril de 2014, foram cortados 14,6 mil postos de trabalho. A produção de

veículos também caiu em abril, quando foram fabricados 14,5 % menos que no mês anterior. Em relação a abril do ano passado, a queda corresponde a 21,7%.

Moan disse, no entanto, que as montadoras têm tentado preservar os empregos, adotando medidas como férias coletivas e licenças remuneradas. De acordo com ele, as empresas, de forma geral, buscam preservar ao máximo o nível de emprego.

A prova disso, ressaltou, são as férias coletivas, licenças remuneradas e o layoff (suspensão temporária do contrato de trabalho, em que o empregado continua recebendo seu salário, pago em partes, pela empresa e pelo governo federal). "Isso busca preservar o nosso funcionário, que é altamente qualificado", enfatizou.

Nesta semana, a Volkswagen, em São Bernardo do Campo, Grande São Paulo, colocou 8 mil funcionários em férias coletivas, e a unidade da General Motors, de São Caetano do Sul, também na região metropolitana da capital, concedeu licença remunerada, por tempo indeterminado, a 467 metalúrgicos.

Com essa medida, mais de 1,3 mil trabalhadores estão afastados na GM, pois 854 trabalhadores já estavam sob regime de layoff.

Como forma de contornar as quedas nas vendas – no mercado interno e para parceiros tradicionais como Argentina –, algumas empresas estão apostando nas exportações de máquinas agrícolas para a África e Cuba.

"No Continente Africano, já atendemos a vários países. Exportamos para Moçambique, Senegal, Gana e Zimbábue", enumerou Moan. Mas ele lembrou que as vendas para esses mercados ainda são pequenas e não vão contornar a queda significativa nas vendas para o exterior.

Na comparação entre abril deste ano e o mesmo mês de 2014, as exportações de máquinas agrícolas e rodoviárias caíram 20,1%. No mês passado, foram vendidas ao exterior 932 unidades, contra 1,16 mil em abril de 2014. No acumulado dos quatro primeiros meses de 2015, foi registrada retração de 15,9%. As exportações caíram de 3,9 mil unidades para 3,3 mil.

## **Exportações impulsionam setor de máquinas e equipamentos**

11/05/2015 - Fonte: CIMM

O faturamento da indústria de máquinas e equipamentos de março desse ano foi de R\$ 7,023 bilhões. O valor representa um crescimento de 16,8% em relação ao mês anterior. Entretanto, a alta registrada não condiz com a realidade do setor, segundo o presidente da associação.

"Aumento de faturamento não necessariamente representa um ganho para o setor", disse o presidente da Abimaq, Carlos Buch Pastoriza, durante coletiva de imprensa realizada ontem (6) para divulgação dos indicadores do setor.

O faturamento do setor, quando comparado com março de 2014, também registrou crescimento: 16,1%. No primeiro trimestre do ano, o faturamento foi de R\$ 18,756 bilhões, crescimento de 8,7% em relação ao mesmo período do ano passado. "Apesar de estarmos com faturamento acima de 2014, ainda estamos abaixo na média histórica", lembra Pastoriza.

O crescimento do faturamento foi puxado pelas exportações de máquinas e equipamentos, uma vez que as vendas no mercado interno registraram queda de 16,8%

em março em relação ao mês anterior. A desvalorização cambial de 20%, junto com o aumento das exportações explica o aumento do faturamento do mês de março, segundo a Associação.

“O aumento do faturamento está totalmente associado à variação do câmbio. Se estivéssemos falando em número de máquinas, teria caído”, explicou o assessor econômico da presidência da Abimaq e diretor de competitividade da Associação, Mauro Bernardini.

## **Exportações**

As exportações de março geraram U\$ 1,235 bilhões, 55,9% a mais do que o registrado em fevereiro. Em relação a março de 2014, o mês registrou um crescimento de 21,9%. No primeiro trimestre do ano, o valor de US\$ 2,812 bilhões representa queda de 11,9%, quando comparado com o mesmo período de 2014.

O setor de infraestrutura e indústria de base impulsionou o crescimento de março, ainda que o setor de máquinas para petróleo e energia renovável tenha apresentado forte crescimento. No trimestre, apenas o setor de infraestrutura e indústria de base, teve exportações melhores que o trimestre de 2014.

A América Latina continua liderando o destino favorito das máquinas e equipamentos brasileiros nos três primeiros meses do ano, apesar de apresentar queda da participação desde 2011.

Os Estados Unidos, entretanto, têm mostrado crescimento desde 2012, reflexo da recuperação do mercado norte-americano. A Europa é a terceira região que mais recebe bens de capital brasileiros.

## **Metso investe R\$ 25 milhões em centro de serviços em MG**

11/05/2015 - Fonte: CIMM

Para a Metso, Minas Gerais é o Estado número um do país no setor de mineração e o número 2 no mercado nacional em agregados. E, por isso, a multinacional finlandesa Metso Brasil, que já tem uma estrutura de apoio a vendas no Estado, vai abrir, no ano que vem, um centro de serviços na região de Itabirito, perto das grandes minerações, de acordo com o presidente mundial da Metso Mineração e Agregados, João Ney Colagrossi. O investimento será de R\$ 25 milhões para prédios e maquinários.

“Vamos ter toda a operação de reforma, apoio, estoque de peças, estamos transferindo de São Paulo para cá. Eu costumo dizer que não tem nenhuma mineração em São Paulo, então estamos mudando nossa capacidade para atender a área de mineração para Minas Gerais”, disse Colagrossi, que esteve ontem (5) em Belo Horizonte para anunciar uma parceria com a mineira Tracbel.

O vice-presidente sênior da Metso Brasil, Marcelo Motti, informou que o plano do novo centro de serviços da multinacional está em fase de assinatura com uma prefeitura. “É um centro de serviços para ter estoque, montagem, reparos e atendimento, tudo no mesmo local”, explica.

Com 1.600 empregados no Brasil – 14 mil no mundo –, a Metso ainda não acertou qual será o número de empregos a ser gerados na nova unidade. É que a Metso ainda está definindo qual modelo vai adotar – entre fabril, serviços e estocagem –, o que será delineado nos próximos 30 dias.

"A perspectiva é estar operando no começo de 2016 para atender os mercados de agregados e mineração. A princípio, não tem uma fábrica, é um centro de serviços, mas no futuro a gente pode vir até a estabelecer alguma coisa aqui", informou Motti.

O vice-presidente sênior da Metso Brasil disse ainda que a escolha do local foi baseada no incentivo. "Nessa discussão estamos buscando uma concessão de terreno de área de 23 mil m<sup>2</sup>", calculou Motti.

O executivo informou que mais de 50% do negócio da Metso está em mineração e agregados. "E esse Estado (Minas Gerais) tem toda a cabeça pensante da parte de mineração e agregados, por isso que a gente está aqui, é um sonho antigo da Metso", afirmou.

Com fábrica em Sorocaba (SP) e centros de serviços em Parauapebas (PA), dentre outras no país, a Metso não divulga o faturamento no Brasil, apenas o dado mundial referente à presença nos 50 países. "Neste ano, estamos buscando chegar ao mesmo patamar do ano passado, de 3,7 bilhões", disse Motti.

## **Tracbel**

A mineira Tracbel passa a representar a Metso em Minas Gerais e em mais quatro Estados, além do Distrito Federal. "A expectativa é que a Metso represente 25% dos nossos negócios", disse o CEO da Tracbel, Luiz Gustavo Pereira, que venderá máquinas Metso para pedreiras, agregados e construtoras.

O executivo acredita que dentro de três a cinco anos a parceria com a Metso seja um negócio de R\$ 200 milhões por ano em volume de vendas para a Tracbel, que faturou no ano passado R\$ 840 milhões.

## **Chinesa Baosteel mantém preços de produtos de aço para junho**

11/05/2015 - Fonte: Reuters

A Baoshan Iron & Steel, maior siderúrgica listada da China, manterá os preços atuais para seus principais produtos em junho, disse a companhia no final de semana.

O crescimento econômico em desaceleração e uma baixa no setor imobiliário tem prejudicado a demanda por aço na maior produtora e consumidora da liga do mundo, mas custos de produção menores e a demanda firme do exterior têm impulsionado as encomendas de exportações das siderúrgicas.

## **Economistas mantêm projeção de Selic a 13,50% em 2015 mas elevam para 2016, mostra Focus**

11/05/2015 - Fonte: Reuters

Economistas de instituições financeiras mantiveram a projeção para a Selic ao fim deste ano em 13,50 por cento, depois de o Banco Central ter afirmado que decisões futuras de política monetária serão tomadas para assegurar a convergência da inflação para a meta ao fim de 2016.

Mas passaram a ver a taxa básica de juros mais alta ao fim de 2016, a 11,63 por cento na mediana das projeções, ante 11,50 por cento na semana passada, de acordo com a pesquisa Focus do BC divulgada nesta segunda-feira.

O levantamento mostrou ainda que os especialistas consultados elevaram a perspectiva para o IPCA no fim de 2015 a 8,29 por cento ante 8,26 por cento na semana anterior,



mas reduziram o cenário para a inflação no ano que vem a 5,51 por cento, contra 5,60 por cento.

### **EcoRodovias tem queda de 63% no lucro líquido com maior despesa financeira**

11/05/2015 - Fonte: Reuters

A companhia de concessões de infraestrutura EcoRodovias teve lucro líquido de 28,6 milhões de reais no primeiro trimestre, recuo anual de 63 por cento em bases comparáveis, afetada principalmente por uma piora no resultado financeiro, apesar do aumento do tráfego em suas rodovias, informou o grupo nesta segunda-feira.

O crescimento de 21,7 por cento no volume de tráfego consolidado da empresa no primeiro trimestre contribuiu para compensar o resultado pior das operações portuárias, que registraram queda de 18,7 por cento no volume de contêineres na operação de cais e de 0,5 por cento na operação de armazenagem.

Assim, a companhia registrou alta de 5,7 por cento no lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) pró-forma comparável, que somou 352,7 milhões de reais. A receita líquida pró-forma comparável subiu 6,5 por cento, a 633,1 milhões de reais.

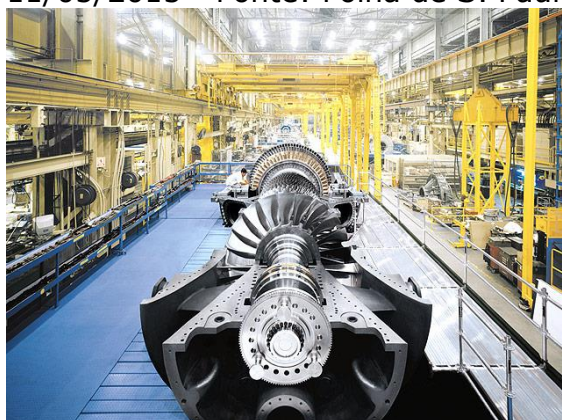
Apesar disso, a despesa financeira pró-forma da EcoRodovias cresceu 77,4 por cento, a 187,3 milhões de reais, pesando sobre o resultado da empresa. A piora do resultado financeiro ocorreu em função das variações da inflação, valorização do dólar contra o real e elevação da Selic.

A companhia estima investimentos de 737 milhões de reais em 2015, compostos de 112 milhões de reais em custo de manutenção e 624 milhões em ativo intangível/imobilizado. Os investimentos contratuais a realizar das concessões rodoviárias somavam 4,7 bilhões de reais em 31 de março.

A dívida líquida pró-forma subiu 52,6 por cento, a 3,75 bilhões de reais, enquanto a relação dívida sobre Ebitda subiu de 1,5 vez em março de 2014 para 2,9 vezes.

### **GE vê oportunidade na crise energética para vender turbina**

11/05/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo



A crise do setor elétrico trouxe à tona a discussão sobre a necessidade de diversificação do modelo de geração de energia. E a GE Power & Water, braço para geração de energia da gigante americana GE, quer se aproveitar do debate para elevar sua participação no mercado brasileiro. Ao lançar uma nova linha de turbinas a gás, a companhia enxerga os problemas energéticos no país como oportunidade de negócios.



"A diversificação é essencial se você quer pensar no prazo, reduzir o custo da energia e minimizar o risco de um apagão", diz o responsável pelas vendas na América Latina, Alvaro Anzola.

Hoje, o Brasil gera 30% de sua energia por meio de termelétricas. O objetivo, no longo prazo, é elevar a disponibilidade dessas instalações para momentos de crise, em que os reservatórios das hidrelétricas estejam baixos.

Além disso, o governo quer substituir usinas que geram energia usando óleo diesel –mais caro e poluente– pelas que utilizem gás natural.

"Gerar 80% da sua energia com água é incrível, porque quase não há custos. Mas não vivemos em um mundo em que tudo é previsível o tempo todo", diz Anzola.

De acordo com Anzola, a empresa tem conversado com executivos do setor e com o governo para demonstrar as vantagens da nova tecnologia.

E há razões para o otimismo: na crise energética anterior, em 2001, a GE vendeu dez turbinas a gás para o mercado brasileiro, quase um quarto das 46 em operação pela companhia no país.

A GE HA, nova linha de turbinas da companhia, validada na fábrica de Greenville (Carolina do Sul), deve começar a ser entregue neste ano.

Já há 53 seleções para as turbinas em 11 países, incluindo seis no Brasil. O negócio, com a gaúcha Bolognesi –vencedora de leilão para a construção de duas térmicas no fim de 2014–, ainda não foi fechado, e a GE não divulgou o preço das turbinas.

Segundo Anzola, caso os contratos sejam assinados, elas podem entrar em operação no país no primeiro trimestre de 2018.

## **IMPORTAR GÁS**

O aumento de turbinas a gás no mercado brasileiro enfrenta, no entanto, um entrave. Hoje, o país não tem combustível disponível para operá-las e teria de importar gás até que a Petrobras comece a produzir em quantidades suficientes –o que não deve acontecer pelo menos até 2020.

"É lamentável que a oferta de gás natural ainda seja um problema no Brasil", diz Claudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil.

Ele afirma, porém, que é indispensável que o país possa contar com um parque termelétrico eficiente para completar a oferta de energia.

## **Setor de autopeças concede férias coletivas**

11/05/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

A indústria de autopeças instalada na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) está acompanhando a Fiat Automóveis - principal consumidora de componentes e serviços do setor no Estado - e replicando as férias coletivas e as paradas técnicas realizadas pela montadora de Betim, na tentativa de não demitir trabalhadores.

Segundo o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Betim, Igarapé e São Joaquim de Bicas, João Alves de Almeida, o próximo período de férias coletivas da marca italiana, que

começa nesta segunda-feira, com 20 dias de duração e atingindo 2 mil funcionários, será acompanhado na mesma proporção pelos principais fornecedores da montadora.

"Muitas empresas estão seguindo a Fiat, enquanto algumas preferem manter a produção para aumentar os estoques. Aquelas que adotam a mesma estratégia estão dando férias coletivas para 10% a 20% do efetivo", afirmou o representante dos metalúrgicos da região, sem revelar nomes ou números.

Entre as fornecedoras da montadora estão a Metalúrgica Mardel, a Aethra Sistema Automotivos, a Comau, a Denso, a Nemak Alumínio do Brasil e a Teksid do Brasil.

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte, Contagem, Ibirité, Sarzedo, Ribeirão das Neves, Nova Lima, Raposos e Rio Acima, Geraldo Valgas de Araújo, confirma a situação.

"Essas medidas adotadas pela Fiat repercutem, sim, em toda a cadeia. Algumas empresas não podem mais conceder férias. Por isso, estão colocando os funcionários em licença remunerada. Nossa preocupação maior é que não ocorram demissões", afirmou.

Apesar do temor, Araújo disse que as empresas estão se esforçando para não demitir, "acreditando que possa ocorrer uma recuperação do setor e da economia nos próximos meses". Além disso, as indústrias estão evitando "mandar gente embora" para não arcar com os elevados custos e encargos trabalhistas associados às demissões.

Na região coberta pelo sindicato trabalham cerca de 75 mil metalúrgicos, a maior parte vinculada à cadeia produtiva do setor automotivo.

Entre importantes fabricantes de autopeças localizados nessa área estão a Stola do Brasil Ltda, uma das principais fornecedoras de carrocerias e peças para a Fiat, a Iochpe Maxion, fabricante de componentes automotivos, e a Magneti Marelli.

Para o diretor regional em Minas Gerais do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores (Sindipeças), Fábio Sacioto, a situação da indústria de autopeças reflete a das montadoras, especialmente a da Fiat, no caso do Estado.

"As empresas do setor estão seguindo a mesma tendência da Fiat e também estão concedendo férias coletivas. No entanto, todo mundo está segurando para não demitir", afirmou.

A indústria automotiva estadual, que reúne toda a cadeia de autopeças, registrou o pior desempenho entre os segmentos da atividade de transformação no Estado no primeiro trimestre deste ano.

Conforme dados da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), no período, o faturamento do setor caiu 28,3% em relação aos mesmos meses de 2014.

Já o indicador de horas trabalhadas, que indica exatamente o tempo dedicado pelo funcionário à produção, fechou o primeiro trimestre de 2015 com queda de 26,5% na comparação com igual período do exercício passado, segundo a federação.

De acordo com as projeções do Sindipeças, a receita do setor em todo o País deve diminuir 16,6% neste ano na comparação com o exercício passado, enquanto o nível de emprego no segmento deve diminuir 9%.

## **Projeto de terceirização debate responsabilidade de empresas**

11/05/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

O caso que levou à assinatura do termo de ajuste de conduta da Zara ilustra o debate que ocorre o país sobre a responsabilidade de empresas que terceirizaram atividades ligadas a sua produção.

A questão da responsabilidade solidária de empresas que contratam terceiras é uma das principais polêmicas do projeto de lei, aprovado na Câmara, que agora deve ser votado no Senado.

O TST proíbe, na súmula 331, terceirizar atividades essenciais (fim) e prevê responsabilidade subsidiária aos que contratam terceiros. Ou seja: a empresa que terceiriza responde na Justiça somente quando se esgotam as chances de cobrar a empresa terceirizada.

"Mas, com o passar do tempo, o entendimento dos juízes tem sido outro", diz, o deputado Arthur Maia (SD-BA), relator do projeto de lei que propõe regular e ampliar a terceirização.

A bancada patronal tenta no Senado mudar a responsabilidade das empresas de solidária, já garantida na Câmara, para subsidiária.

"Como ainda não temos lei sobre terceirização, empresas podem, por exemplo, ser punidas por atos de terceiros. Com TACs, na prática o que ocorre é o MTE transferir para a empresa a sua obrigação de fiscalizar", diz Maia.

O advogado Werner Keller, que integra a comissão de Direito do Trabalho da OAB-SP, diverge.

"Se a empresa principal não for responsabilizada, vai contratar pensando no custo e não na idoneidade dos terceiros."

Emerson Casali, especialista em relações trabalhistas, considera que "não faz sentido discutir responsabilidade trabalhista na cadeia produtiva quando se está falando da compra de um produto que é parte do processo fabril e de comercialização."

### **AUTUAÇÃO**

A Zara, uma das maiores empresas do setor têxtil do mundo, foi autuada pela fiscalização do Ministério Trabalho em São Paulo sob o argumento de descumprir um compromisso assinado em 2011 para aperfeiçoar as condições de trabalho, segurança e saúde em sua cadeia de fornecedores e terceiros.

O termo de ajustamento de conduta (TAC) foi feito após fiscais constatarem que uma fornecedora da Zara havia subcontratado uma oficina que utilizou imigrantes bolivianos e peruanos submetidos a condições degradantes de trabalho para fabricar roupas para a marca.

Duas multas foram entregues à rede no final de abril, no valor de R\$ 840 mil. A Zara informou que já recorreu no início do mês.

## **Energia vira foco de investimento chinês na América Latina**

11/05/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

Em 28 de janeiro, a empresa chinesa Sinopec anunciou um acordo com a estatal argentina YPF para desenvolver a produção de petróleo, gás natural e xisto na região de Vaca Muerta, na Patagônia argentina.

Em abril, foi a vez de o banco de desenvolvimento chinês anunciar uma injeção de US\$ 3,5 bilhões na Petrobras, apesar das revelações de superfaturamento e desvios de recursos da empresa.

Mais do que a soja e o minério de ferro, a China tem aumentado seu interesse – e consequentemente seus investimentos – em ativos de energia na América Latina.

Segundo o centro de estudos americano Inter-American Dialogue, os investimentos chineses na exploração de petróleo e gás na região se multiplicaram após a crise da economia americana (2008) e os EUA desmontarem na produção de gás de xisto.

Foram US\$ 32 bilhões em financiamentos em energia na América Latina de 2008 a 2014, ou mais de um quarto do crédito total à região no período (US\$ 114 bilhões).

Somam-se a isso os investimentos diretos, que, segundo a Cepal (Comissão para o Desenvolvimento da América Latina), alcançam US\$ 10 bilhões por ano, desde 2010.

Os chineses já fincaram suas bandeiras na exploração de grandes reservatórios da região: Orinoco (Venezuela), em Vaca Muerta e no pré-sal brasileiro, além de participações em reservas no México e no Equador.

Em cada um desses países, a estratégia de aproximação e negociação tem se mostrado distinta. Em comum, está o desejo de garantir fornecimento para a expansão de sua economia.

Segundo Margaret Mayers, diretora do Inter-American Dialogue, a China tem na região os três pilares de sua expansão no exterior: acesso a matérias-primas, mercado para suas exportações e uma relação valiosa para a operação de suas empresas.

O país se tornou o principal destino das exportações brasileiras de petróleo em 2013 e constrói, na China, em associação com a Venezuela, uma das maiores refinarias do mundo, com capacidade de processar 20 milhões de toneladas de petróleo pesado venezuelano.

Segundo o analista internacional argentino Jorge Castro, problemas conjunturais, como a crise da Petrobras e a cambaleante economia argentina, não abalam o interesse chinês na região.

"Os chineses parecem ter escolhido o momento de fragilidade para anunciar sua ajuda, com o objetivo de mostrar a importância estratégica que esses países têm para a China", afirma.

Na Argentina, teme-se que os contratos de investimento chinês inundem o país de produtos fabricados na China, o que poderia ter efeitos negativos sobre a indústria local – e sobre a brasileira, principal fornecedora de equipamentos ao vizinho.

O ex-presidente da petroleira estatal YPF e ex-ministro de Energia da Argentina, Daniel Montamat, afirma que os financiamentos externos normalmente trazem esse tipo de exigência.

Para Montamat, parece claro o que chineses querem da região, o que falta é saber o que queremos da China. "Deveríamos estar negociando com a China em conjunto, e não de uma maneira desintegrada. A culpa não é da China, é nossa", afirma.

#### INVESTIMENTOS CHINESES EM GRANDES RESERVAS NA AMÉRICA LATINA



### Renovação sem cobrança de outorga agrada especialistas

11/05/2015 - Fonte: Diário do Comércio

A notícia de que a renovação das concessões de distribuição de energia não terá cobrança de outorga, como chegou a pleitear o Ministério da Fazenda, agradou aos agentes do setor - que terão a qualidade do serviço prestado avaliado durante o processo - e os consumidores, que ficarão livres do acréscimo de mais uma taxa no próximo reajuste do insumo.

Segundo o consultor da LPS Consultoria Energética, Fernando Umbria, as renovações das concessões seguiam as mesmas regras impostas na década de 90. Porém, com a Medida Provisória 579, de 2012, algumas mudanças foram impostas.

Como vai ser a primeira renovação em massa após as alterações, seria possível incluir a taxa, caso o governo assim decidisse. Mas, para ele, um pagamento extra não seria viável porque poderia afetar seriamente a qualidade do serviço prestado.

"As mudanças impostas pela MP 579 afetaram muito fortemente o segmento de geração.

Mas, com a distribuição a situação é diferente, porque é um setor já bastante regulado. Portanto, com pouca liberdade de operação. A cada quatro anos existe uma revisão tarifária quando é passado um pente-fino nas concessões. E todo custo extra é repassado para o consumidor nesse processo. Por isso, não tinha muito o que alterar", afirma.

Para o analista da Lopes Filho, Alexandre Furtado Montes, a decisão de não taxar as renovações foi mesmo a mais acertada. "Não haveria cabimento cobrar em um momento em que a energia já está caríssima.

Como é possível criar mais um encargo para o setor? Todo mundo sabe que o valor seria repassado para os consumidores. Não há mais espaço para isso", afirma.

**Decreto** - O governo federal deverá publicar em breve decreto tratando da renovação das distribuidoras. E entre as empresas que estão reivindicando a manutenção das concessões está a Companhia Energética de Minas Gerais, cujo contrato, fechado em julho de 1997, vence no ano que vem. Procurada pela reportagem, a Cemig disse que aguarda a publicação do decreto para se manifestar.

**Plano** - O plano do ministro da Fazenda, Joaquim Levy, era usar a renovação dos contratos, que vencem em todo o País a partir de julho, para melhorar as contas do governo federal. Porém, representantes do setor elétrico se movimentaram e conseguiram derrubar a ideia antes que ela fosse colocada em prática.

Entre as exigências para a renovação dos contratos está a melhoria dos serviços prestados à população, assim como a manutenção dos bons resultados financeiros pelas empresas.

Todas as distribuidoras com os contratos prestes a vencer demonstraram interesse em manter as concessões. Agora está na fase de análise por parte da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). Caso os indicadores de qualidade não estejam em conformidade com os parâmetros impostos pelo órgão, as distribuidoras terão cinco anos para se adequarem.

Pode haver até mesmo a exigência de que os sócios das companhias aportem recursos para a viabilização dessas mudanças. Se, por acaso, nesse prazo as alterações necessárias não forem realizadas, as empresas podem até perder a concessão.

Correm inclusive esse risco algumas distribuidoras federalizadas sob administração da Eletrobras. Por isso, a decisão de dar um prazo de cinco anos para a adequação foi positiva.

## **Alta de imposto chega primeiro às empresas**

11/05/2015 - Fonte: O Estado de S. Paulo

Segundo os economistas, há outra razão para se optar pela elevação de impostos: é mais rápido e menos perceptível para o cidadão. O governo tem certa autonomia para elevar as taxas e a maioria dos aumentos recai sobre as empresas para, só depois, chegar às pessoas comuns. Cerca de 75% da alta prevista pelo IBPT é aplicada sobre o setor privado.

Segundo o economista Bernard Appy, o cidadão pode ter a ilusão de que a conta ficou para as empresas, mas, na prática, boa parte acaba no seu bolso.

"Parte da alta chega ao consumidor via aumento de preços.



Mas as empresas também podem ter queda na lucratividade, porque nem tudo pode ser repassado”, diz. “O tamanho da conta que chega ao consumidor vai depender do contrato que fizeram e do mercado em que atuam.”

Na lista de medidas que vão elevar os impostos sobre o setor privado estão a redução do Reintegra, o aumento de Cide e PIS/Cofins sobre combustíveis, a elevação das alíquotas da contribuição previdenciária sobre a receita bruta das empresas (substitutiva da contribuição sobre a folha de pagamentos), a elevação da alíquota de PIS/Cofins sobre importações de 9,25% para 11,75%, a Cobrança do IPI também para o atacadista no setor de cosméticos e a cobrança de PIS/Pasep e da Cofins sobre as receitas financeiras de empresas do regime de apuração não cumulativa – que pode gerar várias contestações judiciais.

### **Em março, montadoras remeteram zero de lucro**

11/05/2015 - Fonte: O Estado de S. Paulo



Pela primeira vez, as montadoras de veículos e as autopeças instaladas no Brasil não enviaram dinheiro às suas matrizes. Segundo dados do Banco Central, em março não saiu nada dos cofres das empresas em forma de remessa de lucro. É a primeira vez que isso ocorre em toda a série histórica do BC, que divulga dados mensais desde 2006.

No primeiro trimestre, foram enviados US\$ 74 milhões ao exterior, queda de 73,5% em comparação ao mesmo período do ano passado.

Com exceção de 2012, quando ficou em segundo lugar, de 2006 a 2013 a indústria automobilística esteve à frente dos setores industriais em remessa de lucros correspondentes à renda de investimento direto. O recorde foi registrado em 2008, primeiro ano da crise internacional, com envio de US\$ 5,6 bilhões.

O quadro começou a se inverter no ano passado, quando a crise econômica brasileira se aprofundou e as montadoras passaram a reduzir atividades, com corte de produção e de empregos.



Em 2014, as remessas de lucros e dividendos somaram US\$ 884 milhões, 73% a menos que no ano anterior. Foi o menor valor desde 2005, quando foram enviados US\$ 498 milhões e abaixo dos volumes remetidos pelos setores de bebidas (US\$ 3,7 bilhões), produtos químicos (US\$ 1,5 bilhão) e metalurgia (US\$ 1,4 bilhão).

“Nos últimos anos, o Brasil sempre teve lucros acima da média mundial, mesmo na crise de 2008 e 2009, mas agora os caixas das empresas do setor – montadoras e autopeças – estão em dificuldades”, diz Stephan Keese, responsável pela área automotiva da consultoria Roland Berger.

Segundo o presidente da General Motors América do Sul, Jaime Ardila, “a maioria das montadoras está numa situação de perda e precisa proteger a liquidez para atender os compromissos do negócio, o que explica a redução dramática nas remessas de lucros”.

Nas últimas semanas, ao divulgarem balanços financeiros, vários grupos, como General Motors, Ford e Volkswagen, afirmaram que o Brasil foi um dos responsáveis por derrubar seus resultados globais no primeiro trimestre.

Dados da Roland Berger indicam que, no ano passado, as montadoras registraram prejuízo de cerca de US\$ 2 bilhões no Brasil. “Este ano os números tendem a ser ainda piores”, afirma Keese, o que pode atrapalhar novos investimentos no País.

## Projetos

Ardila confirma que a geração interna de caixa pode ser insuficiente para financiar novos projetos e a saída será recorrer ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e a empréstimos e capitais das matrizes.

O executivo ressalta que muitas das matrizes estão atualmente em posição de caixa confortável, com níveis altos de liquidez e não precisam do dinheiro. No passado, especialmente na crise de 2008 e 2009, a ajuda brasileira foi essencial.

Ele admite, contudo, que a matriz “não está feliz” com a situação da América do Sul, mas sabe que volatilidade faz parte do negócio. “Havia uma expectativa muito maior para o Brasil que não está se confirmando”, diz Ardila. “É certo que estou tendo de viajar mais vezes a Detroit para dar explicações.”

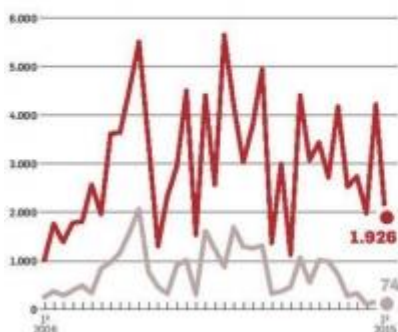
A indústria de veículos automotores, reboques e carrocerias, conforme classificação do Banco Central, recebeu no primeiro trimestre US\$ 435 milhões em investimentos estrangeiros diretos, 60% a mais em relação ao mesmo período de 2014. Em todo o ano passado, entraram US\$ 2,9 bilhões, número superior ao US\$ 1,8 bilhão de 2013.

### Envio de lucros

Remessas de filiais brasileiras do setor industrial para suas matrizes

EM MILHÕES DE DÓLARES POR TRIMESTRE

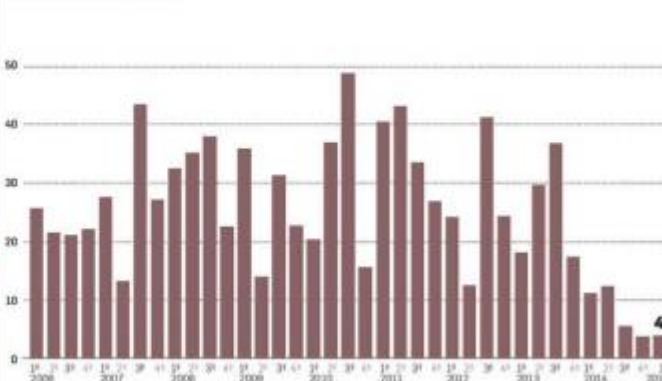
VEÍCULOS TOTAL INDÚSTRIA



### Fatia menor

Participação das montadoras nas remessas totais feitas pelas indústrias instaladas no Brasil às suas matrizes

EM PORCENTAGEM POR TRIMESTRE



## **Para Anfavea, queda reflete o que ocorre no País**

O presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan, ressalta que a remessa de dividendos das empresas para suas matrizes é a remuneração do capital e normalmente reflete o que ocorre no País. "Hoje, estamos com resultados bastante baixos, o que é normal dentro da atual conjuntura", disse.

Na comparação com igual período do ano passado, as vendas de veículos caíram 19,2% de janeiro a abril, para 893,6 mil unidades. A produção recuou 17,5%, para 881,7 mil unidades. Foram fechadas 4,9 mil vagas de trabalho e hoje o setor emprega 139,6 mil pessoas, contingente igual ao verificado em março de 2011.

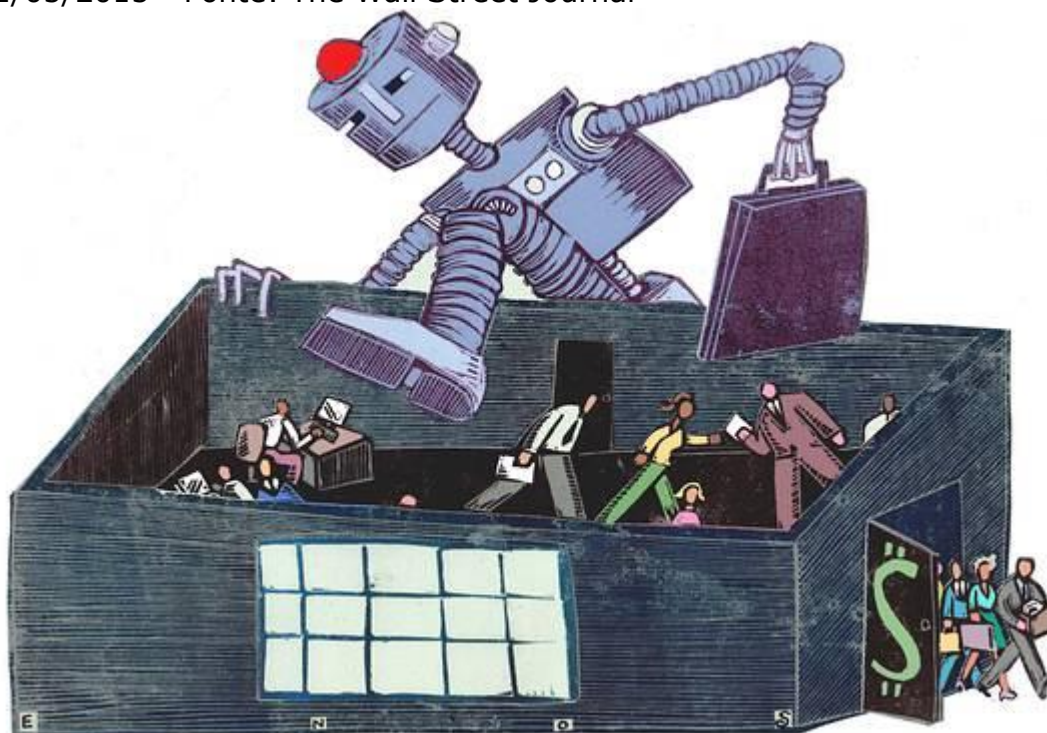
Stephan Keese, responsável pela área automotiva da consultoria Roland Berger, acredita que os cortes vão aumentar ao longo do ano, pois a mão de obra atual está dimensionada para uma produção de quase 4 milhões de veículos anuais, enquanto a projeção da Anfavea é de fabricar no máximo 2,8 milhões.

"Há leis e acordos com os sindicatos que colocam barreiras à redução de capacidade, mas, se pudessem, as montadoras cortariam entre 20 mil e 30 mil postos".

As alternativas têm sido os programas de demissão voluntária (PDV), lay-off (suspensão dos contratos de trabalho) e férias coletivas. Hoje, com exceção das asiáticas Hyundai, Honda, Toyota e Nissan, as demais empresas têm alguma medida de corte de produção em andamento.

## **'Robôs' invadem área financeira das empresas**

11/05/2015 - Fonte: The Wall Street Journal



Cinco anos atrás, 80 auxiliares de escritório e vendedores da Pilot Travel Centers LLC gastavam, juntos, 3.200 horas por semana identificando e pagando encomendas de milhares de mercadorias, desde barras de chocolate até diesel.

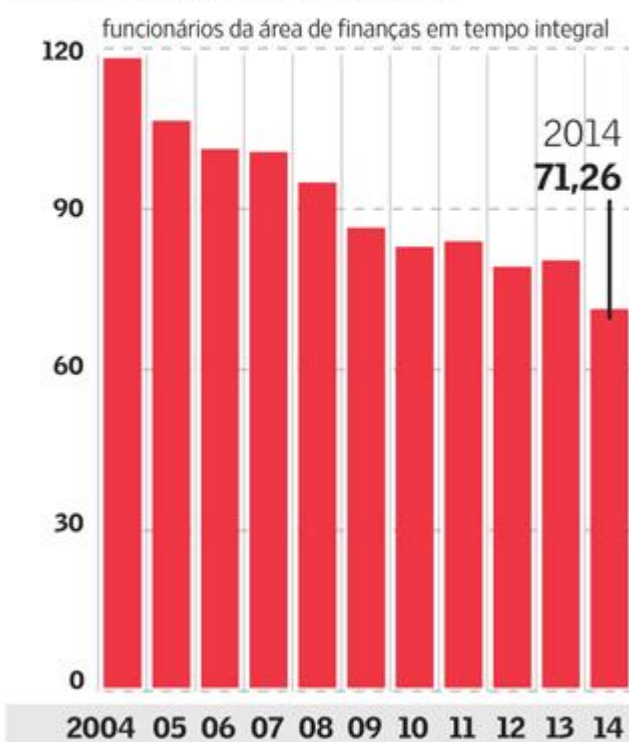
Eles digitavam os pedidos em um banco de dados de contas a pagar e imprimiam milhares de cheques para os fornecedores. Depois de colocá-los em envelopes e colar os selos, eles enviavam os cheques pelo correio.

“Era simplesmente terrível”, diz David Clothier, tesoureiro da empresa, que é sediada em Knoxville, no Estado americano do Tennessee, e opera mais de 500 pontos de parada de caminhões, chamados Pilot Flying J, nos Estados Unidos. “Havia pessoas por todos os lados.”

Hoje, um “robô” de computador — basicamente um software — automatiza essas tarefas. Os fornecedores remetem suas faturas eletronicamente para a Pilot Travel. O software envia os pagamentos e registra cada transação. Por causa disso, a empresa precisa hoje de apenas dez funcionários trabalhando cerca de 400 horas semanais, no total, para pagar fornecedores.

## 'Back office' enxuto

Mediana do número de funcionários da área financeira das empresas para cada US\$ 1 bilhão em receita\*



\*Com base em dados de um subgrupo das 2 mil maiores empresas do mundo. A receita média anual das empresas foi de US\$ 20 bilhões.

Fonte: The Hackett Group THE WALL STREET JOURNAL

Programas de computador estão dominando os departamentos de finanças das empresas, executando tarefas que frequentemente exigiam uma equipe inteira de pessoas. Grandes empresas como a Pilot Travel, a telefônica Verizon Communications Inc.

VZ -0.02% e a operadora de lojas de videogames GameStop Corp. GME +0.10% estão entre as que usam software para automatizar muitas tarefas corporativas de escrituração e contabilidade.

As empresas usam esses programas para economizar tempo e custos com pessoal. Desde 2004, a mediana do número de empregados em tempo integral no departamento de finanças das grandes empresas caiu 40%, de 119 para cerca de 71 pessoas para cada US\$ 1 bilhão de receita, segundo a consultoria Hackett Group.

A Verizon reduziu o custo do seu departamento financeiro em 21% nos últimos três anos, em parte por meio de cortes de pessoal.

Ela eliminou mais da metade dos seus 200 grupos de apoio (os chamados "back offices", que cuidam das operações de retaguarda) nos EUA, construiu um novo centro para operações financeiras na Flórida e modernizou outro em Oklahoma. "A automação é um fator importante" para economizar, diz Fran Shammo, o diretor financeiro.

O software ajudou a Verizon, que faturou US\$ 127,1 bilhões em 2014, a cortar em 25% as entradas manuais que seus funcionários digitam anualmente em planilhas Excel — de 14 mil para 10.500. O objetivo é cortar outras 1.400 até o fim do ano, chegando a uma redução total de 35%.

A automação está ameaçando substituir levas de funcionários de colarinho branco da mesma forma que robôs mecânicos substituíram operários fabris. Entre aqueles em perigo estão os responsáveis por contas a pagar, analistas de controle de estoque e empregados de contas a receber.

A Oracle Corp. ORCL -0.51% e a SAP SE, SAP.XE -0.28% entre outras, vendem aplicativos que podem automatizar, transmitir e analisar informações de diferentes unidades das empresas.

A tripulação das companhias aéreas que usam o software da SAP pode controlar, com um escâner, o número de copos de papel que trazem para o avião e o sistema vai garantir que esses itens estão corretamente refletidos na fatura, diz Henner Schliebs, vice-presidente da empresa alemã. Não há necessidade de a equipe de contas a pagar da companhia aérea digitar a informação em um computador.

Reduzir os custos da retaguarda é uma velha obsessão dos contadores. Os executivos são mais conscientes das despesas operacionais, particularmente desde a crise financeira, diz Michael Armstrong, diretor da Deloitte Consulting LLP. "As empresas como um todo estão sob um escrutínio muito maior", diz ele.

As grandes empresas empregam 44% menos funcionários em tempo integral na área de tecnologia da informação e 20% menos profissionais de recursos humanos do que há dez anos, segundo a Hackett, pelo menos em parte porque a automação reduziu o número de empregados necessários nesses departamentos também.

As empresas americanas há muito terceirizaram operações repetitivas e intensivamente manuais, geralmente para países com custos trabalhistas menores. Agora, até mesmo empresas terceirizadas estão usando software para realizar tarefas financeiras.

A GameStop Corp. contrata a Ecova Inc. para pagar e auditar as contas de telecomunicações e energia de suas 4.400 lojas de videogame nos EUA. A Ecova, localizada no Estado de Washington, usa programas de computador para pagar as contas automaticamente, e seus consultores analisam os dados para encontrar formas de reduzir custos. A varejista, que vende US\$ 9,3 bilhões por ano, emprega 18 mil pessoas, incluindo 120 na área de apoio de finanças.

Já a firma de serviços de informação Wolters Kluwer WTKWY +1.72% NV usa o software Hyperion, da Oracle, para ajudar a fechar a contabilidade de cada trimestre. A tarefa, que costumava levar dez dias, agora toma metade do tempo.

Na Pilot Travel, o número de pessoas que trabalham no departamento financeiro é de cerca de 200, o mesmo que há cinco anos. Mas o número de pontos da empresa subiu de 300 para cerca de 500 nesse período.

“Nosso lema é alavancar computadores, não pessoas”, diz Clothier, o tesoureiro, referindo-se ao foco da empresa na automação de tarefas administrativas.

## **Brasil e Argentina vão prorrogar acordo automotivo bilateral**

11/05/2015 - Fonte: The Wall Street Journal



Brasil e Argentina deverão prorrogar, por um período ainda a ser decidido, o acordo automotivo entre os países, cuja validade expira no próximo dia 30 de junho.

O anúncio foi feito nesta sexta-feira pelo ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Armando Monteiro. Junto com seu colega das Relações Exteriores, Mauro Vieira, Monteiro teve um almoço de trabalho com o chanceler argentino, Héctor Timerman; e o ministro da Economia Axel Kicillof.

— Há necessidade de promovermos maior integração produtiva em benefício dos dois países e, no que toca a questões de curto prazo, há convergência em relação à conveniência da prorrogação do nosso acordo automotivo, que é, na nossa avaliação, extremamente equilibrado — afirmou Monteiro.

Segundo o ministro, “ao que tudo indica”, o novo acordo poderá ser fechado “nos mesmos termos” do atual entendimento.

No ano passado, o fluxo de comércio (soma de exportações com importações) bilateral foi de US\$ 28,4 bilhões, com um saldo favorável ao lado brasileiro de US\$ 138 milhões. A Argentina é o maior mercado para o Brasil no exterior: recebe três quartos de nossas exportações.

Para cada US\$ 1,5 milhão em carros e peças vendidos aos vizinhos, sem imposto, o Brasil tem de comprar US\$ 2 milhão dos argentinos, também sem o tributo. É o chamado regime flex. O que passar disso terá alíquota de 35%.

Com a crise na economia argentina, as exportações brasileiras de automóveis caíram 40,9% em 2014. O mercado interno de veículos do país decresceu 29,9% no período.